



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Leopoldo Correia de Sousa

SOBRE ADJUNTOS ADNOMINAIS E PREDICATIVOS
– UM ESTUDO CRÍTICO –

Brasília
2018

Leopoldo Correia de Sousa

**SOBRE ADJUNTOS ADNOMINAIS E PREDICATIVOS
– UM ESTUDO CRÍTICO –**

Artigo apresentado à disciplina Projeto de Curso como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Marcus Vinicius Lunguinho

**Brasília
2018**



Leopoldo Correia de Sousa. **Sobre adjuntos adnominais e predicativos: um estudo crítico**. Brasília: Universidade de Brasília. 1º semestre de 2018.

Artigo submetido à disciplina *Projeto de Curso* como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho.

ARTIGO

Sobre adjuntos adnominais e predicativos: um estudo crítico

Leopoldo Correia de Sousa
Universidade de Brasília

RESUMO

Neste artigo, há o propósito de mostrar como são definidas as funções de predicativo do sujeito, predicativo do objeto e adjunto adnominal em gramáticas reconhecidas no meio acadêmico e escolar, com o intuito de identificar possíveis razões para a dificuldade de estudantes em identificar, em alguns contextos, se uma certa palavra exerce a função de predicativo ou de adjunto.

PALAVRAS-CHAVE: Adjunto Adnominal. Predicativo. Gramática tradicional. Livros didáticos. Ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

In this article, we'll show how the predicative functions and the adnominal attachment are defined in some reputed grammars and, based on their definitions, try to identify the reasons why students are not able to identify, in some contexts, those functions.

KEYWORDS: Adnominal adjunct. Predicative. Traditional grammar. Grammar textbooks. Portuguese teaching.

Introdução

Entre estudantes brasileiros, independente do nível de ensino, não é raro ver um que tenha dificuldades com análises sintáticas. Alunos, desde que começam a ver essa matéria na escola (por volta do sexto ano, quando os discentes possuem doze anos de idade), tem certa dificuldade de entender nomenclaturas e as próprias funções.

Muitas das dificuldades se dão pelo fato de a gramática tradicional tratar o português de uma maneira muito diferente da usada no dia-a-dia dos falantes. Há também funções sintáticas distintas com caras muito parecidas (o exemplo mais caro seria o complemento nominal e os adjuntos adnominais, quando estes são exercidos por locuções adjetivas).

Neste trabalho, veremos como são definidas as funções Predicativo (tanto do sujeito quanto do objeto) e Adjunto Adnominal nas gramáticas: Moderna Gramática Portuguesa (Evanildo Bechara), Gramática Metódica da Língua Portuguesa (Napoleão de Almeida), Nova Gramática do

Português Contemporâneo (Celso Cunha e Lindley Cintra) e Gramática Descritiva do Português (Mário Perini). Essas funções foram escolhidas devido à dificuldade identificada em alunos para diferenciá-las, muito por causa de ambas darem características a um núcleo nominal.

Após as definições, veremos, de maneira breve, como ambas as funções são tratadas em dois livros adotados por colégios do Distrito Federal. Um deles é usado com alunos das séries finais do Ensino Fundamental, e o outro com alunos do Ensino Médio.

1. Adjuntos adnominais e predicativos nas gramáticas

Durante a vida escolar, aprendemos a analisar sentenças sintaticamente e vemos que há diferentes termos dentro das orações. Há os termos essenciais, os integrantes e os acessórios. Dentre os termos integrantes (ou essenciais, a depender do autor) estão os Predicativos do sujeito e do objeto, e entre os acessórios, termos que são dispensáveis para o bom funcionamento da oração, está o Adjunto adnominal. Esses serão os termos deste estudo comparativo.

Foram usadas, para o desenvolvimento deste trabalho, as gramáticas de Evanildo Bechara (Moderna Gramática Portuguesa), Napoleão de Almeida (Gramática metódica da Língua Portuguesa), Celso Cunha (Nova Gramática do Português Contemporâneo) e Perini (Gramática Descritiva do Português). Estas serviram como pressuposto teórico e serão comparadas suas definições de Predicativos e Adjuntos Adnominais, temas que, não raro, causa dificuldade a alunos de Ensino Médio e Fundamental.

Tanto os Predicativos quanto os Adjuntos Adnominais são funções sintáticas que se referem a um núcleo nominal, especificando-o, ou seja, transformando algo geral em algo, de certa forma, singular. Devido a essa, digamos, funcionalidade dos termos, cria-se a confusão quando se analisa a sintaxe dos períodos. Dito isso, apresentar-se-ão as características delas para cada autor.

1.1 Evanildo Bechara

Para Bechara, há pontos comuns entre os Predicativos e os objetos diretos; são eles: delimitam a extensão semântica do verbo, aparecem normal e imediatamente à direita do verbo, podem ser trocados por pronomes átonos e designam uma realidade (Bechara, p.425). Há, também, particularidades do predicativo, como: a concordância com o sujeito em número e gênero, a possibilidade da troca pelo pronome invariável “o”, a impossibilidade de voz passiva e a impossibilidade de aparecer juntamente com o pronome “o” na mesma oração. Ainda é possível afirmar que não há diferença se o predicativo aparece com verbo de ligação ou não.

Sobre o Adjunto adnominal, Bechara diz:

Acrescem ideia acidental complementar ao significado do substantivo, independente da função por este exercida. Não mudam a relação do substantivo com o restante da oração e, por isso, exercem a mesma função sintática que o núcleo. (Bechara, 2009, p.449)

1.2 Napoleão de Almeida

Napoleão de Almeida diferencia predicativos quando são acompanhados de verbos de ligação ou não. Quando há verbo de ligação, dá-se o nome de Predicativo (outros gramáticos chamam de predicativo do sujeito), apenas quando o verbo é significativo, o predicativo pode ser tanto do sujeito quanto do objeto. Dito isso, ele ainda afirma sobre o predicativo que este é complemento do verbo de ligação.

Acerca do Adjunto Adnominal, este gramático afirma que é toda palavra (ou expansão), que modifica o significado de um substantivo quando junto a ele. Pode dar ideias de: posse (casa do

João); qualidade (casa de tijolos); finalidade (casa de armazenagem); medida (casa de dez metros); disposição (casa com muitos quartos); preço (casa de vários milhões); processo (relógio de sol); argumento (livro de filosofia).

1.3 Celso Cunha e Lindley Cintra

Celso Cunha e Lindley Cintra definem o predicativo simploriamente como parte do predicado nominal (verbo de ligação juntamente com o predicativo) e do predicado verbo-nominal, sendo destes o núcleo significativo, podendo ser exercido por: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, oração substantiva.

Sobre o adjunto, afirmam “Termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste” (Cunha e Cintra, 2008, p.164). Pode ser exercido por: adjetivos, locução adjetiva, artigo, pronomes adjetivos.

2.4 Mário Perini

Perini, em sua gramática descritiva, analisa os predicados nominais de maneira diferente. O que as outras gramáticas chamam de predicativo do sujeito (ou apenas predicativo, no caso de Napoleão), Perini chama de complemento do predicado. Este é definido como uma função que não necessariamente concorda com o verbo, pode aparecer de maneira anteposta ao verbo, ser substituído por “que” em uma oração interrogativa e concorda com o sujeito da oração. Predicativo, nessa gramática, é a função que outros autores chamam de predicativo do objeto; ela não concorda o verbo, não pode aparecer anteposta, pode ser substituído por “que”, em uma oração interrogativa, e concorda com o objeto direto.

Perini é o único dentre os quatro aqui analisados que leva a análise sintática para um nível “suboracional”. Nessa análise, separa os sintagmas e os analisa separadamente. É dentro do sintagma nominal que o adjunto adnominal aparece. Este pode: ser um determinante (o, este, esse, aquele, algum, nenhum, um); indicar posse (meu, seu, nosso, etc); ser um referente (mesmo, próprio, certo); ser um quantitativo (poucos, vários, diversos, muitos, etc); ser pré-núcleo interno (mau, novo, velho, claro, grande); ser pré-núcleo externo (mero, suposto, reles, ilusório, bom, velho, etc); e ser um número (três, quatro, cinco, etc.).

2. Análises das definições

Apresentadas as definições de cada gramático presente neste trabalho, é o momento, agora, de analisá-las.

2.1 Bechara

No que toca o Predicativo, Bechara é, sem dúvida, o que mais discorre sobre a função, reservando, não só para sua explicação, mas também para alguns comentários acerca da visão de linguistas e outros gramáticos, diversas páginas. É interessante notar que o gramático evita chamar o verbo que acompanha o predicativo de “verbo de ligação”, nomenclatura que é altamente difundida em ambientes escolares e também mencionada por outros gramáticos. Em vez disso, Bechara prefere dizer que os verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (...) e portador de referência a traços essenciais do sujeito. (Bechara, 2009, p. 424)

Essa definição vai de encontro ao conceito difundido de que verbos de ligação são verbos

não nocionais. A diferença, nesta gramática, é que Bechara aceita a visão de que um verbo de ligação pode ser núcleo de um predicado que contém predicativo, visto que, do ponto de vista formal, nada impede que um verbo desse tipo seja núcleo de seu predicado. Dito isso, a diferenciação entre predicados verbais e nominais torna-se inútil, não só pelo fato que toda relação predicativa tem, como núcleo, um verbo, seja ele nocional ou não, mas também pelo fato de várias classes gramaticais poderem exercer o papel de predicativo' além do substantivo e o adjetivo.

A visão apresentada no parágrafo anterior pode ser muito útil para alunos, visto que, quando não diferenciamos o predicado verbal do nominal, há uma notação a menos a ser apresentada. Isso é ainda melhor quando o que vai ser apresentado é, formalmente, igual ao que já se mostrou ou será mostrado, fato que pode causar confusão na mente dos discentes.

Ainda sobre o predicativo, Bechara introduz a ideia de “anexo predicativo” (notação do linguista Said Ali), este é denominado em várias gramáticas escolares como o “Predicativo do Objeto” ou “Predicativo do Sujeito” em predicados ditos, em colégios, verbo-nominais. Nestes predicados, surgem dúvidas na cabeça de estudantes, independente se de ensino médio ou fundamental, já que, por aparecer o anexo predicativo na quase totalidade das vezes como adjetivo, é normal que se confunda essa função com a do Adjunto Adnominal.

Bechara discorre bem brevemente a confusão citada. Limita-se a dizer:

No exemplo *Os rios sonoros corriam* podemos ver em sonoros tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade.¹ (Bechara, 2009, p.430)

Mesmo com essa nota, não seria exagero dizer que a diferenciação é, de uma certa forma vaga.

Saindo do predicativo e partindo para o adjunto adnominal, Bechara dedica pouco mais de duas páginas para esta função sintática. No decorrer delas, são mostrados alguns pontos acerca da posição do adjunto e é explanado o motivo de, no nível de análise oracional, o adjunto apenas expandir o núcleo nominal a que se refere, exercendo, assim, a mesma função sintática dele. Não há, no tópico do adjunto adnominal, nenhum tipo de comentário sobre os predicativos.

Muito embora não haja esse comentário, é importante destacar que, algumas páginas adiante, Bechara, já no tópico separado para o Complemento Nominal, faz uma diferenciação entre este e o adjunto adnominal. Isso é muito importante, visto que, ambas as funções podem ser exercidas por sintagmas preposicionais seguidos de sintagmas nominais (forma essa que também pode estar presente nos predicativos em enunciados como “Ele o chamou de louco”).

2.2 Napoleão de Almeida

Na Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Napoleão de Almeida discorre sobre os predicativos em duas páginas e sua explicação é seguida de um questionário, o que ocorre ao final de todo capítulo. Sua explicação é bem concisa, diferente das explicações prolixas de Evanildo Bechara (para ilustrar, enquanto Bechara usa seis páginas apenas para os predicativos, Napoleão,

¹ O exemplo do trecho é dado quando o autor expõe que o anexo predicativo pode ser deslocado na oração sem prejuízo sintático, desde que, quando necessário, a pontuação do período seja alterada. Nos exemplos estão:

[1] Os rios corriam sonorosos (Anexo predicativo na posição natural)

[2] Os rios sonorosos corriam (exemplo do trecho)

[3] Sonorosos corriam os rios (Anexo predicativo deslocado para o início da oração)

[4] Os rios, sonorosos, corriam (Anexo predicativo numa posição entre o sujeito e o verbo)

em um capítulo de três páginas, passa pelos tipos de predicado e, dentro dele, está a sessão do predicativo).

Logo quando o predicativo é apresentado, já vemos uma diferença em relação a outros autores: o fato de chamar o predicativo de “predicativo do sujeito” apenas em predicados verbo-nominais. Uma visão interessante, já que, em predicados nominais, não há objeto, e o termo “predicativo do sujeito” pode parecer, de uma certa maneira, pleonástico.

A parte formal não é apresentada (exceto para o predicativo do objeto), os predicativos são mostrados por meio de exemplos e observações bem breves, sucintas. Entre essas, nos dá as seguintes definições: “Predicativo é tudo o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação”; “Predicativo do sujeito é o predicativo que, referindo-se ao sujeito, ou sujeitos, aparece em orações cujo verbo não é de ligação”; “Predicativo do objeto é o predicativo que se refere ao objeto; constitui-se de adjetivo ou substantivo que acrescenta ao objeto uma ideia que não lhe é essencial” (Almeida, 1995, p.418)

O Adjunto Adnominal é introduzido tão logo se introduz os termos acessórios da oração. Sua definição é dada logo de cara “toda a palavra ou expressão que, junto de um substantivo, modifica-lhe a significação” (Almeida, 1995, p. 430).

Nessa sessão, há um ponto positivo: logo após a definição, o autor discorre sobre diferenças entre o predicativo e o adjunto.

Enquanto o predicativo é o nome que se dá em análise sintática ao complemento que modifica a significação de um substantivo por intermédio de um verbo de ligação, adjunto adnominal é o complemento do substantivo a ele preso, a ele adjunto, sem verbo nenhum de permissão (Almeida, 1995, p.430)

É uma diferenciação bem breve, mas que nos dá algumas pistas e dicas para a diferenciação das duas funções sintáticas. Ao dizer que o adjunto adnominal está preso e adjunto ao substantivo, características não dadas aos predicativos, podemos pressupor a impossibilidade de deslocamentos dos adjuntos dentro das orações e, da mesma forma, ao não caracterizar os predicativos dessa maneira, podemos pressupor sua possibilidade de deslocamento dentro dos períodos. Se formos mais longe, podemos, inclusive, chegar à conclusão que os adjuntos adnominais, por terem uma ligação muito forte com os nomes que modificam, se fundem com seus núcleos nominais quando estes são permutados por pronomes pessoais, o que não ocorre com os predicativos. Isso pode ser exemplificado nas seguintes sentenças:

- [1] a. A menina penteava-se alegre.
- b. Ela penteava-se alegre.

- [2] a. A menina alegre penteava-se
- b. Ela penteava-se.

Tanto em [1]a como em [2]a, a palavra “alegre” refere-se ao sintagma nominal “menina”. Substituindo o núcleo do sintagma pelo pronome pessoal “ela”, chegaríamos às sentenças mostradas [1.]b e [2]b. Tal substituição evidencia a ligação forte presente entre o adjunto adnominal e o núcleo ao qual este se refere. Ligação esta que inexiste no caso do predicativo, deixando mais claro o significado do termo “preso” da definição de Almeida.

O autor ainda é o único dos gramáticos aqui citados a classificar adjuntos adnominais a depender da ideia que expressam. Isso pode ser mais uma maneira para discentes diferenciarem as funções.

Por fim, a exemplo de Bechara, Almeida também diferencia o adjunto do complemento em breves palavras

Se não devemos confundir o adjunto adnominal com predicativo, tampouco devemos confundir com complemento nominal: o complemento nominal é integrante, é essencial, pertence

intrinsecamente ao nome; o adjunto adnominal é acessório, não é exigido para que se complete o significado do nome.

Vale lembrar que Almeida considera o predicativo um termo essencial quando a oração possui um predicado nominal.

2.3 Celso Cunha e Lindley Cintra

Dentre as gramáticas tradicionais aqui utilizadas, a Nova Gramática do Português Contemporâneo é, sem dúvidas, aquela que menos desenvolve explicações acerca dos assuntos abordados.

A definição de predicativo de Cunha e Cintra pode ser resumida à: parte do predicado nominal ligada ao sujeito por um verbo de ligação. Os autores dão valor à forma e, em todas as funções sintáticas, dizem quais classes gramaticais podem exercê-la.

Quanto aos adjuntos, não há muito o que dizer além do que já foi dito anteriormente no tópico 2.3.

Infelizmente, os autores apresentam os tópicos de maneira extremamente concisa, baseando sua explicação muito nos exemplos que são dados e nas classes gramaticais que podem exercer ou não uma função. Ocorre que, não raro, uma classe gramatical pode exercer mais de uma função sintática nos períodos. Dito isso, pode-se afirmar que a gramática de Cunha e Cintra não é uma boa consulta caso não haja uma boa base de conhecimento gramatical em língua portuguesa.

3.4 Perini

Em sua Gramática Descritiva do Português, Perini nos apresenta as funções de uma maneira bem interessante, mesmo que o faça de maneira concisa. É válido destacar que Perini mantém o alinhamento com a visão tradicional de separar predicados (em verbais e nominais), diferente do que fez Bechara.

O autor não mantém essa visão tradicional à toa. Quando define o que chama de complemento do predicado (lembrando que essa função é a chamada de predicativo do sujeito por vários autores), ele o faz definindo certos traços. Estes, quando comparados com os objetos (complementos em predicados verbais), apresentam traços incomuns com eles. Comparando as duas funções, teríamos algo assim:

	Objeto Direto	Complemento do Predicado (Predicativo do Sujeito)
Concordância Verbal [CV]	Não	Não
Concordância Nominal [CN]	Não	Sim
Anteposição [Ant]	Sim	Sim
Em interrogações, troca por "que" [Q]	Sim	Sim

2

Pela tabela, pode-se notar o quão sutil é a diferença entre o objeto direto e o predicativo, o que deve ter levado Bechara a sequer fazer a distinção entre predicados.

É muito proveitosa a apresentação desses traços, pois é uma maneira que os discentes podem utilizar para identificar, de uma maneira bem pragmática, as funções em seus estudos na grande maioria dos casos. Perini ainda dá exemplo de situações onde podem existir problemas, tentando explicar, formalmente, o motivo dessas confusões poderem aparecer. Uma crítica cabível

² Todos os traços na primeira coluna são dados por Perini na Gramática Descritiva do Português

é que não se fala sobre o tradicional predicativo do sujeito em predicados verbo-nominais.

Nomeando o predicativo do sujeito como complemento do predicado, resta a classificação de “predicativo” para o tradicional predicativo do objeto. Este é definido pelos traços [-CV, -Ant, +Q, +CN].

Perini é, sem sombra de dúvidas, o que mais desenvolve os adjuntos adnominais entre os gramáticos aqui analisados, reservando, apenas para essa função, mais de dez páginas. Nelas, Perini faz uma análise bem detalhada de todos os tipos de adjuntos identificados, são eles: determinantes, possessivos, referenciais, pré-núcleos externos, pré-núcleos internos, quantitativos e numerais.

Para cada categoria citada, o autor nos dá um estudo detalhado sobre como podem aparecer dentro dos sintagmas nominais (lembrando que, estamos falando de análises suboracionais). A leitura pode ser de fundamental importância para o conhecimento dos adjuntos adnominais e seus comportamentos, mesmo que a função apareça com nomenclaturas diferentes daquela presente em gramáticas tradicionais. Perini faz uma bela exposição sobre a “área direita” e a “área esquerda”. Ambas dizem respeito a termos que, embora exerçam a função de adjunto adnominal, tem um posicionamento fixo nos sintagmas nominais que aparecem. No sintagma nominal exposto na gramática, temos:

[3] Aqueles seus livros de psicologia.

Retirado de Perini, 2005, p. 93

Neste sintagma, cujo núcleo é a palavra “livros”, há três adjuntos adnominais: “Aqueles”, “seus” e “de psicologia”. Mesmo tendo a mesma função, há comportamentos diferentes para eles. Dentre todos, o único cujo deslocamento é possível é o exercido pelo pronome possessivo, tornando agramatical qualquer construção em que “aqueles” e/ou “de psicologia” apareçam em outra posição. Nas palavras de Perini, baseando-se também nesse comportamento, afirma

A gramática tradicional distingue apenas duas funções: *livros* seria o “núcleo”, e os demais termos (*aqueles*, *seus* e *de psicologia*) seriam “adjuntos adnominais”. (...) veremos que essa análise é simples demais para fazer justiça à complexidade dos fatos. Na verdade, cada um dos três “adjuntos adnominais” (...) tem um comportamento sintático diferente e, portanto, desempenha uma função diferente da de seus companheiros. (Perini, 2005, p.93)

Em suma, a Gramática Descritiva do Português tem uma boa descrição sobre adjuntos adnominais e também sobre predicativos e pode ser de grande ajuda a estudantes que tenham dificuldade na distinção das funções.

3. Contraste com gramáticas escolares

Agora, será feita uma comparação entre algumas definições dadas para alunos de ensino fundamental e médio e as já vistas neste trabalho. Mais especificamente a definição dada por Roberto Melo Mesquita, em sua Gramática da Língua Portuguesa e por Laura de Figueiredo, Maria Balthasar e Shirley Goulart, em seu livro didático Singular e Plural.

Antes de mais nada, é importante dizer que os livros foram escolhidos por serem adotados em alguns colégios do Distrito Federal. A Gramática da Língua Portuguesa é adotada para séries do ensino médio como um volume único (usada nas três séries); e a coleção Singular e Plural é usada nos anos finais do ensino fundamental (atualmente, do sexto ao nono ano) e é dividido em quatro volumes, planejados para serem utilizados cada um em uma série.

Iniciando pelo ensino fundamental, as análises sintáticas são introduzidas no sétimo ano e estão no segundo volume da coleção Singular e Plural. O livro é dividido em três cadernos: Caderno de leitura e produção; Caderno de práticas de literatura; e caderno de estudos de língua e linguagem. O predicativo é abordado no capítulo 3 da unidade do caderno de estudos e

linguagem, cujo título é “Termos que aparecem na construção da oração II: o predicado”. Nesse capítulo, fala-se sobre os tipos de predicado (segundo a visão tradicional de verbal, nominal e verbo-nominal) e o predicativo está inserido no predicado nominal.

Predicado Nominal – tem como núcleo o predicativo do sujeito, isto é, o estado ou a qualidade atribuída ao sujeito. No predicado nominal, temos o verbo de ligação, cuja função é ligar o sujeito ao seu predicativo. (Figueiredo, Balthasar e Goulart, 2012, p. 266)

Essa definição está bem alinhada à definição de Cunha e Cintra e Napoleão Almeida, seguindo bem a linha tradicional de análise sintática. Por ser uma definição dada a alunos entre 11 e 13 anos, é bom que seja dada de forma simples, como uma introdução aos estudantes do sétimo ano, que tem o auxílio de um professor para tirar dúvidas e fazer comentários acerca da matéria estudada.

Como todo livro didático, há exercícios que ajudam os estudantes a fixar os conceitos. No capítulo, há apenas três exercícios, o que acaba sendo pouco, visto que são apenas três exercícios para os três tipos de predicado. No mais, os exercícios, pelo menos, são bem construídos e forçam os discentes a pensar um pouco, não são atividades com respostas breves e prontas, digamos assim.

Uma curiosidade (um defeito também, por que não?) sobre a coleção é que não é abordado, em nenhum dos volumes da coleção, os termos acessórios da oração, ou seja, durante os quatro anos que forem usados, os alunos não terão contato com diversas funções sintáticas.

No livro adotado no ensino médio, novamente o predicativo só é tratado dentro do tópico reservado ao predicado nominal (mais uma vez alinhando-se à definição de Cunha e Cintra).

O verbo que se apresenta no predicado nominal é chamado verbo de ligação (VL), pois sua função é ligar o sujeito a uma qualificação que lhe é dada. O verbo de ligação não é centro significativo do predicado nominal, como acontece no predicado verbal, e não acrescenta significado algum à oração; por isso, o núcleo significativo do predicado nominal reside no nome e não no verbo. (Mesquita, 2001, p.408)

A definição é mostrada de forma muito parecida a do livro de ensino fundamental. A diferença é que há alguns comentários sobre a forma que a função pode aparecer (do mesmo jeito que Cunha e Cintra fazem), que classes de palavras podem exercê-la. Isso é o esperado, já que o ensino médio merece ser tratado num nível superior ao do fundamental. É possível dizer que a definição ainda é muito simples e que alunos do ensino médio já tem maturidade para receber informações mais complexas, o que não seria equivocado de maneira nenhuma. Bom lembrar, também, que, ao se definir de maneira muito simplória, a dificuldade que um estudante pode ter para entender do que a função se trata sem o auxílio de um docente é muito maior.

Quando se trata de predicativo do objeto em predicados verbo-nominais, Mesquita nos traz uma observação bastante interessante:

O verbo transitivo direto, ou, em raros casos, o indireto ou pronominal, cujo sentido, para ser completo, exige um predicativo como complemento do objeto direto, recebe o nome de transobjetivo ou transitivo-predicativo. (Mesquita, 2001, p.410)

Essa nomenclatura aparece também na gramática de Bechara, e faz muito sentido, visto que há verbos (como chamar, nomear e considerar-se) que parecem incompletos de sentido quando sem o predicativo. É um fato muito curioso que essa informação apareça em uma gramática usada em ensino médio e fique de fora de gramáticas renomadas e bastante citadas. Por fim, ainda no que tange os predicativos, o autor nos apresenta maneiras de identificar os predicativos. Dicas que podem ser importantes para alunos que, muitas vezes farão provas de seleção para ingressarem em universidades públicas.

Partindo para o adjunto adnominal, este é mostrado em apenas uma página, caracterizado como o termo que caracteriza um substantivo, independentemente da função que ele exerce, apenas isso. Novamente, uma definição extremamente simples para o ensino médio. No mais, sequer há menção sobre a possibilidade de confusão entre predicativo e adjunto adnominal.

Os exercícios nesse tema são bem simples e, quase todos podem ser feitos de forma quase mecânica. Embora existam textos para a resolução dos exercícios, uma interpretação acerca do que está posto não tem um grau de dificuldade que seria satisfatório para alunos de ensino médio.

Uma última crítica à gramática de Mesquita é o fato de ela possuir muitos quadrinhos, o que acaba por ser repetitivo, já que vários assuntos são abordados de maneira similar e sempre com esse gênero textual.

4. Considerações finais

Adjuntos adnominais e predicativos são funções que, como apresentado, adicionam informações ao núcleo de um sintagma nominal, sem verbo ou mediante um verbo dito de ligação, respectivamente. Por terem papéis semânticos parecidos, é normal que alguns estudantes que estão começando a aprender sobre análises sintáticas confundam as duas.

Infelizmente, não são muitos gramáticos que se atentam a esse fato e, devido a isso, pouquíssimos se prestam a reservar alguma sessão de suas publicações para diferenciar, de alguma maneira, as duas funções aqui estudadas.

Sobre as gramáticas aqui utilizadas, pode-se perceber que as gramáticas de Bechara e Perini tem, de uma certa forma, mais paciência para explicar os assuntos. Não podemos esquecer que esses dois são os únicos, entre os autores aqui citados (excetuando os autores dos livros didáticos), que não faleceram ainda e, graças a isso, puderam adicionar ideias recentes às suas publicações mais novas.

Por fim, é importante que tenhamos cuidado em como abordar predicativos e adjuntos (podemos incluir também os complementos nominais e adjuntos adverbiais, mesmo que não abordados neste trabalho) e pensar em maneiras de minar as dificuldades que discentes apresentam quando se deparam com análises sintáticas, independentemente da série que estejam cursando. Para isso, é importante não se sentir preso a apenas um material, visto que qualquer instrumento usado tem seus defeitos e qualidades. É de vital necessidade selecionar o que cabe ou não de cada livro.

5. Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa** – 40ª edição. São Paulo, Saraiva, 1995.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa** – 37ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso & Cintra, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo** – 6ª edição. Rio de Janeiro, Lexikon, 2013.

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Maria; GOULART, Shirley. **Singular e Plural** – 1ª edição. São Paulo, Moderna, 2012.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa** - 3ª edição. São Paulo, Saraiva, 2001.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português** – 4ª edição. São Paulo, Ática, 2005.